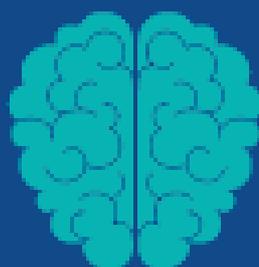


FRANCISCO INSA

A formação da

AFETIVIDADE

UMA PERSPECTIVA CRISTÃ



[cultor de livros]

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE

Uma perspectiva cristã



FRANCISCO INSA

A FORMAÇÃO DA AFETIVIDADE
Uma perspectiva cristã

Tradução de
MARCOS PAULO FERNANDES DE ARAÚJO

[cultor de livros]
São Paulo
2021

© Francisco Javier Insa Gómez, 2021

Título original

Con todo tu corazón, con toda tu alma, con toda tu mente.
Formar la afectividad en clave cristiana (Palabra, Madrid, 2021)

Tradução

Marcos Paulo Fernandes de Araújo

Revisão

Maurício Dominguez Perez

Capa e Diagramação

Elisa H. Storarri

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Insa, Francisco

A formação da afetividade: uma perspectiva
cristã / Francisco Insa. Tradução de Marcos Paulo F.
de Araújo São Paulo: Cultor de Livros, 2021

ISBN: 978-65-86580-87-7

1. Teologia Moral 2. Afetividade 3. Vida cristã

I. Francisco Insa II. Título

CDD-241.6

Índice para catálogo sistemático:

1 Teologia Moral : Afetividade 241.6

Todos os direitos dessa edição pertencem a:

Cultor de Livros - Editora

Rua Prof. Alfonso Bovero, 257 - Sumaré

CEP 01254-000 - São Paulo/SP

Tel. (11) 3873-5266

www.cultordelivros.com.br

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	15
1. Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?	15
2. A formação da afetividade	17
3. Psicologia e formação	18
4. Conteúdo deste livro.....	21

I. PERSONALIDADE E AFETIVIDADE

1. O QUE É A PERSONALIDADE?	29
1. Noção de personalidade.....	29
2. Temperamento, caráter e personalidade.....	33
3. Traços de personalidade	36
4. OCEAN: o big five da personalidade.....	37
a) Openness ou abertura à mudança.....	38
b) Conscientiousness ou responsabilidade	39
c) Extraversion ou extroversão	40
d) Agreeableness ou cordialidade	41
e) Neuroticism ou instabilidade emocional	42
5. O locus de controle	43
6. Os mecanismos de defesa do “eu”	45
7. Aplicações à própria vida e à tarefa de formação.....	47
8. Condicionados, mas não determinados.....	49
2. COMO MEDIR A MATURIDADE?	51
1. Vê se cresce!.....	51
2. Critério zero: identidade.....	54

3. Primeiro critério: extensão do sentido de si mesmo.....	55
4. Segundo critério: relação emocional com outras pessoas	59
5. Terceiro critério: segurança emocional	61
6. Quarto critério: percepção realista, aptidões e tarefas.....	63
7. Quinto critério: auto-objetivação, autoconhecimento e senso de humor.....	65
8. Sexto critério: filosofia unificadora da vida.....	67
9. Da maturidade à identificação com Cristo.....	71
3. AMAR-SE PARA PODER AMAR.....	73
1. Deus, eu e os demais?	73
2. Como surge o amor a si mesmo	74
3. Ver-se à luz de Deus.....	80
4. Humildade e verdade	83
5. Deus, os demais e eu	85
4. O QUE É A AFETIVIDADE	87
1. O WhatsApp de um adolescente.....	87
2. Uma possível definição	89
3. Limitações da afetividade	92
4. O pecado original e suas consequências.....	93
5. Restaurar a imagem de Deus.....	95
5. DESENVOLVER A AFETIVIDADE A PARTIR DAS VIRTUDES TEOLOGAIS.....	99
1. Uma proposta entre tantas.....	99
2. Fé	99
3. Esperança.....	106
4. Caridade	109
a) Se me falta o amor, de nada me serve.....	109
b) Amar e sentir-se amado.....	111
c) Aprender a amar	112
5. Um terreno fértil.....	117

II. CRESCER INTERIORMENTE AO LONGO DO CICLO VITAL

1. O CICLO VITAL	121
1. <i>Que é o ciclo vital</i>	121
2. <i>Os estágios psicossociais</i>	126
3. <i>A teoria do apego</i>	128
2. INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA.....	135
1. <i>A criança</i>	135
a) <i>Estágios evolutivos da infância</i>	135
b) <i>Orientações para os formadores</i>	139
2. <i>O adolescente</i>	144
a) <i>O eterno conflito de gerações</i>	144
b) <i>Delimitação da etapa</i>	147
c) <i>Construindo a identidade</i>	149
3. A IDADE ADULTA	157
1. <i>O adulto jovem</i>	157
a) <i>Delimitação da etapa</i>	157
b) <i>A incorporação ao mundo do trabalho</i>	159
c) <i>A formação de um novo lar</i>	160
d) <i>A crise dos 30</i>	162
2. <i>A plenitude da vida</i>	165
a) <i>Delimitação da etapa</i>	165
b) <i>Os 40: estabilidade vs. procura de novidades</i>	167
c) <i>Os 50: estabilidade sem rijeza</i>	173
d) <i>A síndrome do ninho vazio</i>	176
4. MELHORAR O CARÁTER NA VIDA ADULTA: CUIDAR DOS RELACIONAMENTOS	181
1. <i>A família</i>	181
2. <i>O trabalho</i>	184

3. Os amigos.....	185
4. Sem confundir e com uma clara hierarquia.....	191
5. A TERCEIRA IDADE	195
1. Quem se atreve a marcar o início?	195
2. Delimitação da etapa.....	197
3. Manifestações do envelhecimento.....	199
a) A necessidade de se antecipar	199
b) Alterações físicas e cognitivas.....	200
c) Mudanças sociais.....	202
4. Uma digressão: quando a aposentadoria não vem.....	206
5. Preparar-se para a velhice	207
6. Uma etapa para seguir crescendo	209
7. Preparar-se para dar o salto à morada definitiva	217
6. QUANDO O FIM SE APROXIMA	221
1. On Death and Dying	221
2. Primeira fase: negação.....	222
3. Segunda fase: ira	226
4. Terceira fase: negociação.....	228
5. Quarta fase: depressão.....	229
6. Quinta fase: aceitação	232
7. Acompanhar uma morte cristã	234

III. A VIRTUDE CRISTÃ DA CASTIDADE

1. POR QUE VIVER A CASTIDADE?.....	243
1. Por que não posso desfrutar do corpo como quero?.....	243
2. A entrada em uma nova vida.....	244
3. Um templo para o Espírito Santo.....	246
4. O sexo é bom... vivido com ordem	249

5. <i>A desordem da concupiscência</i>	251
6. <i>A virtude da castidade</i>	256
7. <i>Os meios tradicionais</i>	259
8. <i>Afetividade e castidade</i>	266
2. <i>A ADICÇÃO DO SÉCULO XXI</i>	269
1. <i>O mundo virtual</i>	269
2. <i>Vício ou adicção?</i>	270
3. <i>Adicção e internet</i>	272
4. <i>Um problema médico</i>	275
5. <i>Um problema social</i>	278
6. <i>Pessoas mais vulneráveis</i>	285
3. <i>AJUDAR A VIVER A CASTIDADE</i>	293
1. <i>Novas dificuldades, novos meios</i>	293
2. <i>Um modo sadio de usar a internet</i>	294
3. <i>Personalizar a solução</i>	301
4. <i>A catequese, o acompanhamento espiritual e a confissão</i>	303
5. <i>A ajuda profissional</i>	309
6. <i>A responsabilidade moral</i>	317
4. <i>O CELIBATO CRISTÃO</i>	325
1. <i>Dom e mistério</i>	325
2. <i>Afetividade e celibato</i>	331
3. <i>A afetividade de Jesus</i>	335
4. <i>Um celibato psicologicamente saudável</i>	338
5. <i>Situações que requerem especial discernimento</i>	344

IV. A AFETIVIDADE ENFERMA

1. OS TRANSTORNOS AFETIVOS.....	355
1. <i>A enfermidade mental</i>	355
2. <i>A ansiedade</i>	357
3. <i>Tristeza e depressão</i>	359
4. <i>O estresse profissional ou síndrome de burnout</i>	361
5. <i>Prevenir a patologia afetiva</i>	363
a) <i>Um estilo de vida saudável</i>	365
b) <i>Cuidar o descanso</i>	366
c) <i>Corrigir as distorções cognitivas</i>	369
d) <i>Otimizar o tempo de trabalho</i>	371
e) <i>Uma vida de piedade à prova de estresse</i>	378
6. <i>Quando vem a doença</i>	382
2. OS TRANSTORNOS DE PERSONALIDADE	387
1. <i>A personalidade e seus transtornos</i>	387
2. <i>A ajuda a partir do trabalho de formação</i>	390
3. <i>Classificação de transtornos de personalidade</i>	396
<i>Grupo A: os excêntricos</i>	397
<i>Grupo B: os extrovertidos ou egocêntricos</i>	399
<i>Grupo C: os introvertidos ou ansiosos</i>	404
4. <i>A personalidade evitativa-dependente</i>	406
5. <i>A personalidade obsessivo-perfeccionista</i>	410

EPÍLOGO

UM ESTILO FORMATIVO SADIO.....	419
1. <i>Dois maneiras de formar</i>	419
2. <i>Os tipos de educação</i>	421
3. <i>A personalidade do formador</i>	425

<i>a) Personalidade madura e vida virtuosa</i>	<i>425</i>
<i>b) Mostrar-se vulnerável.....</i>	<i>427</i>
<i>c) A formação do formador.....</i>	<i>428</i>
<i>d) Preocupação pela pessoa em sua integralidade.....</i>	<i>430</i>
<i>e) Respeito à pessoa e aos seus tempos.....</i>	<i>433</i>
<i>f) Superar os próprios fantasmas</i>	<i>435</i>
<i>4. Vale a pena.....</i>	<i>439</i>

BIBLIOGRAFIA.....441

<i>1. Bibliografia geral.....</i>	<i>441</i>
<i>2. Personalidade e afetividade</i>	<i>442</i>
<i>3. Crescer interiormente ao longo do ciclo vital.....</i>	<i>443</i>
<i>4. A virtude cristã da castidade.....</i>	<i>444</i>
<i>5. A afetividade enferma.....</i>	<i>445</i>
<i>6. Um estilo formativo sadio.....</i>	<i>446</i>

UM ESTILO FORMATIVO SADIO

1. Duas maneiras de formar

Antes de terminar o livro, gostaria de fazer algumas reflexões sobre a pessoa do formador. Viemos falando sobre como ajudar de maneira eficaz as pessoas que buscam a nossa ajuda para orientarem suas vidas. Agora é o momento de olhar para si mesmo e perguntar: Será que qualquer pessoa é apta para esta tarefa importante ou está somente ao alcance de alguns? Que competências específicas convêm adquirir ou melhorar para realizar este serviço? Quais aspectos da própria personalidade convêm moderar para que não interfiram negativamente? Como combinar o afeto e a exigência, as metas altas com as potencialidades reais de quem temos diante de nós?

Começemos assinalando que há duas maneiras de formar, dependendo do que se enfatiza. Ambas podem levar aos mesmos resultados externos — pessoas que agem retamente — mas o interior do educando será muito diferente dependendo do caso.

Existe uma maneira *equilibrada de formar*, da qual procedem pessoas livres. Entendem o que é bom para elas, assumem como próprio e procuram pôr em prática nas diferentes circunstâncias da vida. Este modelo procura explicar os porquês a partir do ponto de vista do interessado, isto é, sem enumerar regras ou critérios impostos de fora, fazendo ver que o

conteúdo dessas regras tem raízes muito profundas e que seu cumprimento é o melhor para ele, ajudando-o a ser uma pessoa melhor. Uma consequência direta é que o interessado sabe aplicar os critérios gerais às situações concretas com iniciativa, criatividade, flexibilidade e epiqueia. Talvez valha a pena explicar este último conceito, porque não é conhecido nem corretamente entendido por todos.

A epiqueia²⁵⁹ é uma virtude que aperfeiçoa o juízo moral, permitindo que ele chegue à decisão correta inclusive em circunstâncias excepcionais ou não previstas pela norma. Não se trata de uma simples exceção, ou de aplicá-la de forma flexível ou progressiva, mas de agir de modo inteligente. Quem entendeu o sentido de uma regra sabe que em um caso concreto não deve ser seguida porque aquele que a estabeleceu não a teria considerado oportuna nessas circunstâncias. Por exemplo, “É preciso chegar pontualmente na aula”, porém, se pelo caminho encontro alguém gravemente necessitado, minha obrigação é atendê-lo mesmo que chegue tarde, contrariando esta regra. Não é propriamente uma exceção (do contrário seria preciso acrescentar uma longa lista de exceções por trás de cada norma) mas ter bem entendido que o enunciado completo dessa norma deveria ser: “É preciso chegar pontualmente na aula sempre que alguma grave necessidade de caridade não recomende deter-se”. E qual é a gravidade suficiente? Como conjugar a caridade com o necessitado com a que se deve viver com os colegas de sala de aula, com a diligência no trabalho, etc. é algo que a pessoa virtuosa é capaz de discernir de forma natural. O não virtuoso, pelo contrário, serve-se da epiqueia — por vezes sob o disfarce da liberdade de espírito — para rebaixar a exigência naquilo que custa ou desagrade. Por outro lado, quem foi edu-

259 Cf. SANTO TOMÁS DE AQUINO, *Suma Teológica*, II-II, q. 120, art. 1; A. RODRÍGUEZ LUÑO, *Scelti in Cristo per essere santi. Elementi di teologia morale fondamentale*, Edusc, Roma 2003, pp. 296-301.

cado de modo formalista se aferra à letra da lei e passa ao largo diante da necessidade do próximo, como fizeram o sacerdote e o levita na parábola do bom samaritano (Lc 10,30-37). Este exemplo pode ser aplicado em muitas situações da vida em que entram em conflito interesses e obrigações que são impossíveis de compatibilizar.

Existe por tanto um *modo de formar não sadio*, que oprime a pessoa, porque não fomenta nem respeita sua liberdade. Há um empenho em melhorar a pessoa em alguns aspectos, mas se esquece da integralidade da pessoa. Conforma-se com o cumprimento das suas obrigações sem dar o devido valor à interiorização dos porquês, sobrecarregando-a com regras, desconfiando, controlando, coagindo, etc.

Veremos a seguir algumas características destes dois tipos, com base nas ciências da educação.

2. Os tipos de educação

Muitos autores procuraram categorizar os modos de educar. Normalmente, o ponto de partida (o analogado principal) é a educação no âmbito familiar, que pode ser aplicada *mutatis mutandis* a outros âmbitos. Aqui, sirvo-me de um modelo que se vale da interseção de dois parâmetros: a exigência e o afeto (Figura 5).²⁶⁰ Neste caso, uso linhas descontínuas para enfatizar que os quadrantes não são compartimentos estanques, nem se encontram tipos puros, mas uma mistura de todos eles com maior ou menor proporção de cada um dos ingredientes.

260 Cf. S. TORÍO LÓPEZ, J.V. PENHA CALVO, M.C. RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, *Estilos educativos parentales. Revisión bibliográfica y reformulación teórica*, “Teoría de la Educación” 20 (2008) 151-178; C. CHICLANA ACTIS, *Formación y evaluación psicológica del candidato al sacerdocio*, “Scripta Theologica” 51 (2019) 467-504.

Da combinação dos dois parâmetros formam-se quatro tipos: democrático, autoritário, negligente e indulgente. Na Tabela 23 se expõem as principais características de cada um deles, tanto sob o aspecto do comportamento do educador como sob os efeitos no filho.

	Traços de conduta parental	Consequências educativas nos filhos
Democrático	<p>Afeto manifesto. Sensibilidade diante das necessidades da criança: responsabilidade. Explicações. Promoção do comportamento desejável. Disciplina indutiva ou técnicas punitivas razoáveis (privações, reprimendas). Promovem o intercâmbio e a comunicação aberta. Lar com afeto e clima democrático.</p>	<p>Competência social. Autocontrole. Motivação. Iniciativa. Moral autônoma. Alta autoestima. Alegres e espontâneos. Conceito realista de si. Responsabilidade e fidelidade aos compromissos pessoais. Pró-sociabilidade dentro e fora da casa (altruísmo, solidariedade). Elevada motivação para o sucesso. Diminuição na frequência e intensidade de conflitos pais-filhos.</p>
Autoritário	<p>Normas minuciosas e rígidas. Recorrem aos castigos e muito pouco aos elogios. Irresponsabilidade paterna. Comunicação fechada ou unidirecional (ausência de diálogo). Afirmção de poder. Lar caracterizado por um clima autocrático.</p>	<p>Baixa autonomia e confiança em si. Baixa autonomia pessoal e criatividade. Pouca competência social. Agressividade e impulsividade. Moral heterônoma (evitar o castigo). Menos alegres e espontâneos.</p>

Negligente	<p>Indiferença frente a suas atitudes e comportamentos, tanto positivos como negativos. Respondem e atendem as necessidades das crianças. Permissividade. Passividade. Evitam a afirmação de autoridade e a imposição de restrições. Pouco uso de castigos, toleram todos os impulsos das crianças. Especial flexibilidade no estabelecimento de regras. Cedem facilmente aos desejos dos filhos.</p>	<p>Baixa competência social. Pouco autocontrole e heterocontrole. Pouca motivação. Pouco respeito a normas e pessoas. Baixa autoestima, insegurança. Instabilidade emocional. Debilidade na própria identidade. Conceito negativo de si. Graves carências em autoconfiança e responsabilidade pessoal. Baixo desempenho escolar.</p>
Indulgente	<p>Ausência de envolvimento afetivo nos assuntos dos filhos. Demissão da tarefa educativa, gastem com os filhos o menor tempo possível. Pouca motivação e capacidade de esforço. Imaturidade. Alegres e vitais.</p>	<p>Pouca competência social. Baixo controle dos impulsos e agressividade. Pouca motivação e capacidade de esforço. Imaturidade. Alegres e vitais.</p>

Tabela 23. Tipos de educação familiar e comportamento infantil.²⁶¹

Evidentemente o desejável é ter o tipo democrático, em que a exigência seja adequadamente equilibrada pelo afeto e pelo diálogo.

A personalidade dos educandos está muito condicionada por estes padrões. Por exemplo, o tipo autoritário fomenta atitudes rígidas, perfeccionistas e ansiosas ou pode também dar lugar à rebeldia frente à autoridade e à norma. O tipo negligente, por

261 TORÍO LÓPEZ, PENHA CALVO, RODRÍGUEZ MENÉNDEZ, *Estilos educativos parentales*, pp. 164-165.

sua vez, deixa carências afetivas que a pessoa tenta preencher com relacionamentos nem sempre saudáveis, como vimos no capítulo anterior.

O relacionamento que estabelecem com seus pais na infância tende a ser replicada na vida adulta com outros formadores ou figuras de autoridade: professores, formadores, chefes, superiores etc. Com eles a pessoa se mostra submisso, complacente, tenso, rebelde, dependente, etc.

Quando passam a ter um papel de formador podem atuar de duas maneiras. A habitual é reiterar o padrão de conduta em que foram educados, repetindo e perpetuando os mesmos erros que os afetaram. Mas pode ocorrer que, no intuito de evitar esses erros, caiam no extremo oposto, isto é, quem foi educado autoritariamente ou negligentemente se mostre superprotetor.

Destacamos que os tipos de educação afetam a imagem que o educando forma de Deus.²⁶² No modelo democrático, é visto como alguém próximo, porém independente, que atende as próprias necessidades; no autoritário, como alguém que exige e castiga; no negligente, como um ser distante, que nos ignora; finalmente, no indulgente se considera Deus como alguém permissivo e incoerente.

Por isso, convém que o formador conheça a família do educando para corrigir as carências que teve e não as perpetuar com sua própria atitude. Sobre isto já falamos nos capítulos anteriores. O objetivo deste capítulo é, antes, destacar que o formador deve estar ciente sobre o modo como ele mesmo foi educado e como isto afeta o seu próprio estilo formativo. Com isto, entramos por fim na última seção deste livro.

262 Cf. CHICLANA ACTIS, *Formación e evaluación psicológica del candidato al sacerdocio*, pp. 467-504.

3. *A personalidade do formador*

No princípio do capítulo formularam-se perguntas sobre as aptidões que se esperam de um bom formador. A primeira delas era um pouco radical: Será que qualquer pessoa é apta para esta tarefa importante ou somente está ao alcance de alguns? Considero que qualquer pessoa mentalmente sã está capacitada. De fato, ser pai ou mãe é o mais natural do mundo e não é preciso ter disposições especiais para realizar de maneira aceitável esta tarefa. Por outro lado, duvido que alguém se conforme em ser um pai, professor ou diretor espiritual meramente “aceitável”. Felizmente, todos nós exigimos mais de nós mesmos.

Nesta seção, desenvolverei algumas competências que ajudam a realizar a tarefa educativa de modo mais sadio e eficaz, da qual sairão pessoas (o formador e o formado) humana e espiritualmente sólidas, serenas, confiantes, alegres, seguras de si mesmas, capazes de encarar com êxito as vicissitudes da vida.

a) Personalidade madura e vida virtuosa

“Alma de apóstolo: primeiro tu”²⁶³, recomenda São Josemaria. Tudo que expusemos neste livro deve ser vivido em primeiro lugar pelo formador, que precisa de uma piedade sólida para transmitir uma fé viva e não meros conceitos abstratos, segurança em si mesmo, autoestima, capacidade autocrítica, coerência de vida, estabilidade emocional, controle sobre seus estados de ânimo e seus impulsos, empatia, sensibilidade com as necessidades psicológicas dos outros, habilidades sociais, capacidade de ouvir, alegria, estabilidade nas virtudes humanas e sobrenaturais, etc.

É importante que tenha suas necessidades afetivas preenchidas, caso contrário facilmente procurará, inadvertidamente, compensá-las no relacionamento com o formando, quando o que se

263 SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ, *Camino*, Quadrante, São Paulo 2016, nº 930.

espera dele é que dê desinteressadamente sem buscar nada em troca (mesmo que um formador encontre muitas gratificações afetivas na sua tarefa).

Não se trata, evidentemente, de ser perfeitos e mais adiante veremos algumas maneiras de compensar as próprias limitações. Trata-se simplesmente de refletir na própria pessoa aquilo que se ensina, não porque se encarne de modo perfeito e sim porque se tenta viver. Nas palavras São Paulo VI: “O homem contemporâneo escuta com mais boa vontade as testemunhas do que os mestres, dizíamos ainda recentemente a um grupo de leigos; ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas”.²⁶⁴ Quem procura adquirir as capacidades que mencionamos, torna-se cativante para o educando e a partir daí pode encaminhá-lo humildemente para seu próprio modelo: Jesus Cristo. Da convivência com Ele na oração e nos sacramentos é que um formador cristão obtém realmente a força para estar sempre disponível e sorridente, apesar das dificuldades. Por isso, o Papa Francisco exortava a um grupo de bispos: “Ensinai a oração, orando; anunciai a fé, acreditando; dai testemunho, vivendo!”²⁶⁵

Uma característica especialmente importante para quem forma pessoas é a tolerância à frustração. Já vimos anteriormente que a síndrome de *burnout* é especialmente frequente nos educadores. As pessoas nem sempre avançam no ritmo que nos agrada ou correspondem a nossos desvelos. Por isso, quem trabalha nestas atividades precisa ter claro desde o princípio um objetivo: fazer o bem, independentemente dos resultados. Isto requer um equilíbrio interior que já foi trabalhado várias vezes nos capítulos precedentes.

264 SÃO PAULO VI, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Evangelii nuntiandi*, 8 de dezembro de 1975, nº 41.

265 FRANCISCO, *Santa Missa e Bênção dos Pálios para os novos Arcebispos Metropolitanos na Solenidade dos Santos Apóstolos Pedro e Paulo*, 29 de junho de 2015.

Junto a esta habilidade psicológica, um formador cristão deve ter o otimismo que deriva da fé no poder da graça e na capacidade do homem que decide corresponder. Por isso, é ambicioso na hora de estabelecer objetivos de melhoria e rega com a oração o que semeou com palavras. São João Paulo II afirmava que “seria um erro gravíssimo chegar à conclusão de que a norma ensinada pela Igreja é em si mesma apenas um ‘ideal’ que deve depois ser adaptado, proporcionado, graduado, como se diz, às possibilidades concretas do homem: segundo uma ‘ponderação dos vários bens em questão’. Mas quais são as ‘possibilidades concretas do homem’? E de que homem se trata? Do homem *dominado* pela concupiscência ou do homem *redimido por Cristo*? Pois é disto que se trata: da realidade de redenção de Cristo. Cristo nos redimiu! Isto significa: Ele deu-nos a possibilidade de realizar a inteira verdade do nosso ser; Ele libertou a nossa liberdade do domínio da concupiscência. [...]. O mandamento de Deus é evidentemente proporcionado às capacidades do homem: mas às capacidades do homem a quem é dado o Espírito Santo; do homem que, se caiu em pecado, pode sempre obter o perdão e gozar da presença do Espírito”.²⁶⁶

b) Mostrar-se vulnerável

Não é preciso sermos perfeitos, dizíamos há pouco. Não apenas porque é impossível, mas também porque não é isso que espera o educando. Ele precisa que seu formador seja *humano*, o que implica que seja agradável e empático e também que tenha defeitos. A autoridade moral não se perde por ter defeitos, por mais evidentes que sejam, mas quando se tenta ocultá-los ou negá-los.

266 SÃO JOÃO PAULO II, *Discurso aos Sacerdotes Participantes no Seminário sobre a Procriação Responsável*, 1º de março de 1984.

Por isso é preciso pedir desculpas quando não se agiu corretamente, sem se justificar: “Cheguei muito atrasado ao nosso encontro”, “Fui excessivamente categórico no que era apenas um conselho”, “Equivoquei-me ao te aconselhar a atuar desta forma”... Tentarei exemplificá-lo com a primeira desculpa, o atraso. Nestes casos, é comum chegar com uma desculpa na manga: “Tive um dia muito ocupado”, “A reunião anterior se estendeu”, etc., que podem ser certas. Provavelmente não é o que se quer dizer, mas a mensagem implícita — perceba-a ou não o interessado — é: “Tinha que tratar de coisas mais importantes que você” ou “Tenho tantos assuntos que você está me roubando o tempo”. Pelo contrário, uma frase do tipo “Calculei mal o tempo”, “Demorei demais na anterior reunião” (não “se estendeu”), etc. — precedida por um “Desculpa” — põe a responsabilidade em si mesmo (locus de controle interno também quando agimos mal) e facilita a resposta do outro: “Não se preocupe, sem problemas”.

Mostrar-se vulnerável é um outro modo de ser testemunha. Os educandos não verão seu formador de baixo para cima, como um modelo inalcançável, mas precisamente tal como eles mesmos são e querem ser: alguém com limitações que procura melhorar dia a dia.

Aceitar as próprias limitações e reconhecê-las diante dos demais permite aos formadores algo mais importante e difícil: mostrarem-se indulgentes consigo mesmos, o que evita muitas frustrações e desânimos.

c) A formação do formador

Outro modo de suprir as limitações é cuidar da própria preparação. São João da Cruz foi um grande mestre na formação de formadores e em uma de suas obras afirma que as três con-

dições para dirigir bem as almas são o conhecimento, a prudência e a experiência.²⁶⁷

É necessário um bom *conhecimento* do que se quer transmitir: o conteúdo científico, espiritual, teológico, etc. Mas também é preciso expô-los adequadamente para cada tipo de público (como ensina a pedagogia) e de acordo com o dinamismo interior de quem se destina. O presente livro é uma tentativa de iluminar este último ponto. Penso que com frequência se prepara mais o conteúdo que se quer transmitir que o modo de fazer, o que diminui a eficácia da tarefa docente. Esta preparação requer tempo e é uma demonstração do profissionalismo do formador.

Sobre o segundo ponto, a *prudência*, temos falado implicitamente ao longo destas páginas e voltaremos a ela nas seções que nos restam. Acrescento apenas um dos aspectos desta virtude: às vezes, convém duvidar da própria competência e pedir conselho. De certo modo, isto está relacionado ao conhecimento: saber o suficiente para detectar que o próprio saber se mostra insuficiente e que deve-se recorrer a outra pessoa mais bem preparada. Como diziam uns humoristas, “o importante não é saber, mas ter o telefone de quem sabe”. Sobretudo nos primeiros anos do trabalho como formador, convém muito ter uma pessoa de referência a quem se pode consultar nos casos mais complicados, obviamente guardando a devida discrição e sem dar informações sobre a identidade do interessado.

Chegamos ao terceiro elemento, que para o grande místico e doutor da Igreja é o mais importante: a experiência. Não se trata de uma condição absoluta, pois, do contrário, ninguém poderia se encarregar de atividades de formação. Trata-se de fazê-lo de modo progressivo, começando por pessoas que não tenham grandes dificuldades ou problemas complexos e recomendando àqueles que apresentem problemas mais delicados que acudam

267 SÃO JOÃO DA CRUZ, *Chama viva de Amor*, III, 30.

a uma pessoa mais bem preparada. Por vezes, isto não é fácil ou possível, ou ainda, o interessado insiste em sua petição. Não vejo problema em aceitá-la, sempre que se diga com sinceridade que se tem pouca experiência, mas que fará o que estiver ao seu alcance para atendê-lo competentemente. Nestes casos, é preciso ser cuidadoso, por exemplo, para não dar conselhos teóricos ou receitas pré-moldadas.

A inexperiência pode ser compensada com as condições que vimos até agora: uma vida de piedade firme, o esforço por viver as virtudes, uma sólida preparação intelectual e o assessoramento por parte de pessoas mais experimentadas. Deste modo, a juventude não se converte em impedimento para ser um bom formador, como se lê na Bíblia: “Sou mais sensato que os anciãos, porque observo os vossos preceitos” (Sl 118,100).

d) Preocupação pela pessoa em sua integralidade

Quando alguém se confia a outro para um trabalho de formação, geralmente o faz para adquirir determinadas competências: melhorar o caráter, o rendimento acadêmico ou profissional, as habilidades sociais, a vida espiritual, etc. O relacionamento formativo tem neste sentido algo de “relacionamento profissional”, em que uma pessoa recorre a outra solicitando um determinado serviço. Em alguns casos se trata inclusive de um trabalho remunerado (muitas formas de *coaching*, *mentoring* e *tutoring*, aconselhamento familiar e a própria relação professor-aluno), enquanto que em muitos outros este serviço é gratuito por sua própria natureza (por exemplo, a direção espiritual).

Um bom formador se centra nos aspectos que lhe cabem, mas não se limita a dar conselhos frios a partir de um ponto de vista técnico. Pelo contrário, tem em conta a pessoa em toda a sua riqueza, ou seja, não procura fazer alguém um melhor estudante, esposo, cristão, etc., mas *uma pessoa melhor*, o que de certo modo, abarca todo o anterior. Desta forma, evita forjar seres disformes

que, por exemplo, construam um brilhante *curriculum* ao custo de prejudicar a vida familiar.

O melhor modo de conseguir isso é *preocupar-se com a pessoa*, não “enquanto” parente, aluno, irmão de vocação, dirigido espiritual, candidato a seguir uma vocação, etc., mas em sua integralidade. Isto ajuda a estabelecer metas amplas, sem sair da própria competência, nem do conteúdo para o qual se estabeleceu o relacionamento formativo.

Evita-se assim cair na formação *comportamentalista*, baseada em coisas a fazer ou evitar, mas que não entra nos verdadeiros desejos e dificuldades do interessado. Com frequência, as pessoas precisam falar mais sobre o que sentem do que sobre o que fazem, mesmo que talvez eles mesmos não se deem conta. Certa vez, atendi na direção espiritual um jovem que me pareceu um pouco formalista. Decidi começar a conversa com uma pergunta muito aberta: “Você está bem, contente...?”. Ficou um pouco travado e respondeu evasivamente: “Não sei, você saberá, pois é para isso que lhe conto o que faço”. Foi uma ocasião formidável para ajudá-lo a se conhecer, para aprofundar em suas disposições interiores, estados de ânimo, motivações, etc., sem limitar a conversa às práticas de piedade que tinha feito e os detalhes de serviço que tivera com os demais. Deste modo surgiram muitas dimensões que tinham a ver com sua vida espiritual ou que simplesmente ajudavam ou atrapalhavam a levá-la de forma serena e alegre.

Evidentemente, é preciso fazer isso de forma afetuosa, de modo que *se sinta querido e compreendido*. Facilita detectar as preocupações e se interessar por elas: um aniversário, uma problema de saúde, a doença de um familiar, um momento de mais pressão na vida profissional, uma dificuldade econômica, etc., também quando se consideram triviais ou desproporcionadas (Meu gato ficou doente!). Podem ser objetivamente exageradas, porém, de fato, são as *suas* preocupações.

Para isso deve-se exercitar na *escuta empática*,²⁶⁸ pondo atenção naquilo que o educando diz, o que quer dizer e como o diz. Há muitos sinais e gestos eloquentes que ajudam a conhecê-lo melhor do que muitas palavras: momentos de silêncio, olhares perdidos que se dirigem ao chão ou ao relógio, enrubescimento ao abordar um tema, bocejos, braços fortemente cruzados em uma atitude fechada, modo relaxado com olhar de expectativa e interesse, etc.

O próprio formador transmite também todos estes sinais e precisa estar atento para não passar uma ideia falsa a seu interlocutor... ou uma clara impressão que está querendo dissimular. O melhor, nestes casos, é a verbalização: dizer sinceramente que está cansado, que tem pressa, etc. Pois se interessar pela pessoa não significa escutar tudo o que contar sem limite de tempo: cabe, talvez depois de uma ou duas conversas introdutórias, delimitar a duração dos encontros, os temas a tratar, etc. Às vezes é necessário reconduzir a conversa de forma delicada: “Parece-me que estamos saindo do tema”, “Estamos nos centrando neste assunto, mas creio que deveríamos abordar também outros”, “Está acabando o nosso tempo e ainda não tocamos neste ponto”, etc.

Esta atitude franca, de afeto e profissionalismo, contribui muito para uma abertura sincera. Costuma-se dizer que “a confiança não se impõe, se inspira”, ela é ganha com o testemunho da própria vida coerente e com o interesse e atenção com que se escuta o que o outro quer dizer.

Assim, abrem-se as portas à uma amável exigência que é inerente a toda formação. Às vezes, é preciso pisar no acelerador, estabelecendo metas mais altas ou advertindo comportamentos e atitudes que não são compatíveis com o estilo de vida que o formando garante que quer seguir. Quando já se estabeleceu um

268 C.J. VAN-DER HOFSTADT ROMÁN, *El libro de las habilidades de la comunicación*, Díaz de Santos, Madrid 2005²; S.R. COVEY, *The 7 habits of the Highly Effective People*, Simon & Schuster, New York (NY) 1989, pp. 235-260.

relacionamento sólido, quando o formando sente-se compreendido e querido, então há condições para aceitar essas recriminações que talvez, em um primeiro momento, não compreenda ou resista assumir.

Pode, porém, haver momentos de contraste entre o que o formador pensa que é melhor e o que o formado está disposto a aceitar, o que nos leva ao tema do próximo item.

e) Respeito à pessoa e aos seus tempos

As pessoas têm seus sistemas de valores, suas hierarquias e prioridades, que não coincidem completamente com os do formador. Deve-se separar o essencial do acessório. Por exemplo, em uma relação professor-aluno se procura melhorar o rendimento acadêmico, na direção espiritual progredir na vida cristã. Se no primeiro caso o aluno não quiser estudar ou no segundo o dirigido rechace alguns pontos básicos da doutrina ou da moral, é preciso pensar se vale a pena tratar de outros aspectos ou se não é preferível suspender a formação.

Há, porém, muitos pontos secundários em que pode haver legitimamente um desacordo, por exemplo, com relação com ao tempo que deve dedicar a uma ou outra tarefa, o ritmo que o interessado consegue manter, os relacionamentos que ajudam ou dificultam o seu progresso, etc. Como compatibilizar as metas altas com as disposições reais do formando? Como distinguir uma impossibilidade real — mesmo que seja por motivos subjetivos — das desculpas motivadas pela comodidade ou por um caráter pusilânime? Não há respostas unívocas. Por isso, ofereço algumas ideias que talvez venham a suscitar novas perguntas.

A atividade de formação requer uma certa desconfiança no juízo próprio. Toda pessoa tem uma grande riqueza e complexidade que é impossível abarcar e é ingênuo presumir que se chegou a compreendê-la completamente. Mais pretensioso ainda seria crer que se conhece a vontade concreta de Deus para essa

pessoa. Na formação cristã é preciso não perder de vista que o verdadeiro formador é o Espírito Santo e o principal protagonista da formação é o próprio interessado: é ele quem há de querer melhorar e a quem corresponde a iniciativa de fazê-lo de forma ágil, magnânima e ambiciosa. A tarefa do formador consiste em colocá-lo diante das suas possibilidades e obrigações, formar sua consciência, ajudá-lo a um exame mais sincero das suas ações e motivações, fazê-lo ver suas capacidades, sugerir como desenvolvê-las e abrir horizontes para melhorar. São Josemaria sintetizava estes objetivos com a concisa expressão *ajudar que a alma* (a pessoa, desde sua interioridade) *queira*.²⁶⁹

Certamente há vezes em que o formando poderia ir mais rápido, mas todas as resistências que se encontrem são precisamente parte daquilo que é preciso educar. Não se trata simplesmente de indicar o caminho a seguir, mas também de remover os obstáculos, inclusive internos, explicar os motivos de modo compreensível e animador, estimular e fortalecer sua vontade, propor estratégias alternativas, etc. O caminho mais curto entre dois pontos nem sempre é uma reta, e antes de abordar um objetivo pode ser necessário resolver outros aspectos mais básicos que bloqueiam o avanço.

Especialmente com os que estão começando — independentemente de sua idade — convém ir devagar, de modo progressivo, levando-os como por um plano inclinado. Caso se apresentem de chofre todas as consequências do tipo de vida que querem adotar, podem acabar se desanimando, ao comparar com suas forças atuais, ou as enxergando como um ideal bonito, porém inalcançável. Por isso, o Papa Francisco recordou que “São João Paulo II propunha a chamada ‘lei da gradualidade’, ciente de que o ser humano ‘conhece, ama e cumpre o bem moral segundo diversas etapas de crescimento’ (*Familiaris consortio*, nº 34). Não é uma ‘gradualidade da lei’, mas uma gradualidade no exercício pru-

269 Cf. SÃO JOSEMARIA ESCRIVÁ, *Carta 8 de agosto de 1956*, nº 38.

dencial dos atos livres em sujeitos que não estão em condições de compreender, apreciar ou praticar plenamente as exigências objetivas da lei. Com efeito, também a lei é dom de Deus, que indica o caminho; um dom para todos sem exceção, que se pode viver com a força da graça, embora cada ser humano “avance gradualmente com a progressiva integração dos dons de Deus e das exigências do seu amor definitivo e absoluto em toda a vida pessoal e social” (*Familiaris consortio*, n° 9).²⁷⁰

Por último, o afeto sincero pelo formando leva a compreender que é ele quem melhor conhece a si mesmo, suas capacidades, suas forças. Corresponde a ele tomar livremente as decisões para melhorar sua vida. Somente assim suas ações se solidificam em virtudes e o tornarão melhor no mais profundo do seu ser.

f) Superar os próprios fantasmas

Uma vez, um jovem me expôs, durante uma conversa de direção espiritual, sua preocupação com sua irmã, profundamente mergulhada na crise da adolescência. Muitos pequenos problemas, mas felizmente nenhum grave. Aproveitamos para falar da sua família: seus pais tinham um caráter um pouco fraco e ele assumiu há muitos anos o papel de “cabeça da família” em relação a seus irmãos e também, às vezes, com seus pais. Encontrava-se logicamente sobrecarregado de responsabilidades. Mas tinha, além disso, o que denominamos há pouco de caráter obsessivo-perfeccionista e o modo como tentava lidar com as dificuldades de sua família era controlando. A rebeldia de sua irmã lançou este jovem em uma profunda crise: estava um pouco *descontrolada*. Fomos aprofundando e chegamos a um *medo nuclear*: que sua irmã tomasse decisões equivocadas com consequências irreversíveis. Seu modo de prevenir isso era fazer que as decisões da ado-

270 FRANCISCO, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Amoris laetitia*, 19 de março de 2016, n° 295.

lescente passassem por seu crivo. Ela concordara pacificamente com isso até poucos meses antes da conversa. Agora, se negava.

Faz diferença rezar pelas pessoas que se está tentando ajudar e, às vezes, se obtém luzes que percebemos que não são nossas. Ocorreu-me perguntar se já considerou a atitude que Deus tem conosco: vela providentemente por nós, mas nos criou livres, assumindo o risco de que atuemos mal e ponhamos em perigo nossa salvação eterna. A resposta deste rapaz me surpreendeu: “Sim, pensei nisso muitas vezes e cheguei à conclusão de que eu não teria criado o homem assim: ficaria com muita pena de que se condenasse”. A consequência é que ou ele estava equivocado em sua forma de lidar com sua irmã... ou Deus tinha se equivocado ao nos criar livres.

Todos temos nossos medos e inseguranças, muitas vezes fruto de um sincero afeto pelas pessoas que confiam em nós. Porém, às vezes, este medo interfere com a ajuda que queremos prestar e faz que, com a melhor intenção, descambemos para um jeito de formar doentio. Por isso é necessário que o formador se conheça. A seguir, exponho alguns desses *fantasmas* que podem interferir com o trabalho de formação.

O caso que acabamos de apresentar pode se resumir como *insegurança-controle*. Qualquer trabalho de formação é uma grande responsabilidade que cai sobre os ombros do formador, que pode se sentir acabrunhado pela confiança que os superiores depositaram nele ou pela possibilidade de que o educando não chegue tão longe quanto poderia ou inclusive fracasse. Um modo de lidar com este medo é prever e evitar todos os possíveis descaminhos, inclusive quando o interessado não os reconhece como tais, ou, ainda, instá-lo a consultar todos os planos, vetando os que saiam de uma rotina rígida e segura. São atitudes que subjagam o formando, impedem que atue com autonomia e adquira critério, dificultam a aquisição das virtudes e ameaçam contagiá-lo com os próprios traços obsessivo-perfeccionistas, de modo que com o tempo se converterá em outro formador inseguro e controlador.

Não é apenas uma questão de fé: é uma condição psicológica que dificulta um autêntico trabalho de formação. Aqueles que dirigem atividades e instituições devem estar atentos diante desses “candidatos a formadores”, pois com a melhor das intenções podem causar dano àqueles que recorrem a eles.

Lembremos que para o ser humano a tentativa e erro é uma das formas mais efetivas de aprender. Pensemos no modo como aprendemos a andar de bicicleta: primeiro com as rodinhas laterais, logo com nosso pai segurando o guidão, até que finalmente nos arriscamos e andamos sozinhos, talvez prendendo a respiração enquanto avançávamos em ziguezague. Quantas cicatrizes no queixo são uma mostra de carinho dos pais que souberam confiar em seus filhos, apesar da pouca habilidade, e passaram pelo desgosto de vê-los cair. Como diz Guardini, “cada um tem que fazer suas próprias besteiras para aprender a não as fazer mais”.²⁷¹ Isto não elimina o fato de que é muito bom usar da experiência dos demais para escarmentar em cabeça alheia.

O Papa Francisco afirma que a quem tem confiada um cargo de aconselhamento, deve ser “uma testemunha: uma testemunha próxima, que não fala mas ouve e depois dá as orientações. Não resolve [o problema], mas diz: considera isto, isso, aquilo... esta não parece ser uma boa inspiração, por este motivo, aquela sim... Mas vai em frente e você decide!”.²⁷²

Outra dificuldade advém do *medo a contristar* ao corrigir ou ao exigir, o que é diferente do respeito aos tempos e ritmos da pessoa que já mencionamos. Com essa atitude não se procura o bem da pessoa, mas evitar para si mesmo um mal-estar. Um bom formador também deve passar momentos desagradáveis e confrontar o formando com suas responsabilidades. Do contrá-

271 R. GUARDINI, *As idades da vida*, Quadrante, São Paulo 1990, p. 36.

272 FRANCISCO, *Discurso no Encontro com os Estudantes dos Colégios Pontifícios e Internatos Eclesiásticos de Roma*, 16 de março de 2018.

rio, trai seu próprio papel e a confiança que o interessado pôs em suas mãos ao procurá-lo.

O trabalho de formação é um dar-se desinteressadamente. Tem, é certo, muitas gratificações, mas o bem do outro deve estar sempre acima da recompensa que possa nos dar em forma de afeto, reconhecimento, etc. É uma desordem procurar suprir as próprias necessidades afetivas no relacionamento formativo. E não me refiro aqui a formadores com grandes carências, mas sim a pessoas normais que se sentem queridas por seus educandos ou que veem realizados neles seus anseios de *generatividade*. Tudo isto é legítimo, e de fato ocorre naturalmente em qualquer trabalho de formação, o que o torna muito satisfatório. Mas se o bem do formando exige uma correção — feita sempre com delicadeza e caridade — não é maduro da parte do formador sacrificar o bem do educando sob o pretexto de manter um relacionamento plácido e sereno. Isso é buscar a si mesmo acima do bem do outro. Põe uma semente de insinceridade no próprio núcleo do relacionamento formativo.

No extremo oposto, o formador deve estar também precavido ante os intentos de intromissão por parte do formando, no caso de que pretenda encontrar no relacionamento o que deve buscar em outros âmbitos: família, amigos, etc. A formação tem seus objetivos, deve ser feita em um clima de afeto e confiança, mas seu fim não é simplesmente que alguém com quem me sinto bem me escute e me anime, mas me ajude a ser melhor. Neste sentido, aplicando o que falamos no capítulo sobre os relacionamentos na idade adulta, assemelha-se mais à relação paterno filial que à amizade entre iguais. Assim como o pai tem que fazer as vezes de pai, não de amigo, também o formador deve assumir seu papel, mesmo que fora das conversas formativas haja outros laços de tipo familiar, vocacional ou até de amizade. Normalmente, alcança-se essa distinção intuitivamente, mas em certas ocasiões — especialmente com pessoas jovens ou com personalidades imaturas ou patológicas — pode ser necessário explicitar.

Por último, o formador deve saber se distanciar dos problemas alheios. Não tem que levar sobre seus ombros o peso do mundo, como o titã Atlas que tinha que sustentar a abóbada celeste. Quando o formador tem um verdadeiro afeto pelos formandos, sente-se incomodado quando parece que não avançam no ritmo que deveriam ou até estão se afastando do que objetivamente é melhor para eles. Mas não pode cair no pessimismo, na frustração ou na perda da própria paz interior. Há algo de errado com o professor que chega em casa deprimido depois de uma série de aulas frustrantes ou no sacerdote que termina uma tarde de confissão abatido pela debilidade da natureza humana.

O afeto verdadeiro pelos que dependem de si, leva o formador a respeitar sua liberdade, deixando sempre uma mão estendida, fazendo talvez como os pescadores, que sabem soltar o molinete, para que o peixe que tenta escapar não acabe arrebitando a linha. Procurará, sobretudo, rezar mais insistentemente e exercitar a própria fé na bondade de Deus e no poder da oração, da qual Ele se serve para transformar os corações.

4. Vale a pena

Vale a pena ser formador. Dá trabalho, porque exige não apenas tempo, mas sobretudo cabeça e coração. Porém, quando passam os anos, sente-se a legítima satisfação interior do pai que vê seus filhos chegarem longe, inclusive mais do que ele: “Uma das maiores alegrias de um educador é ver um aluno se tornar uma pessoa forte, integrada, protagonista e capaz de se doar”.²⁷³ Sente então cumpridas suas ânsias irrenunciáveis de generatividade que o levam a exclamar em ação de graças com São Paulo:

²⁷³ IDEM, Exortação Apostólica Pós-sinodal *Christus vivit*, 25 de março de 2019, n° 221.

“Dobro os joelhos em presença do Pai, ao qual deve sua existência toda família no céu e na terra” (Ef 3,14).

Talvez algum não chegou tão longe quanto queríamos ou talvez o fez por outro caminho, ou ainda chegou em outro ponto em que se encontra feliz. Em todo caso, seguiu *seu* caminho e chegou à *sua* meta: “Eu plantei, Apolo regou, mas Deus é quem fez crescer. Assim, nem o que planta é alguma coisa nem o que rega, mas só Deus, que faz crescer. [...]. Nós somos operários com Deus. Vós, o campo de Deus, o edifício de Deus” (1Cor 3,6-9).